



Índice

Editorial

A Voz do diretor

- A educação em tempos de pandemia.
- A educação em tempos de pandemia... um olhar.

Atividade inspetiva

- A propósito de pandemia...

Brevemente

Sugestões de Leitura

Editorial



Jorge Morgado

Inspeção Regional de Educação

As escolas em tempos de pandemia

Este nº do Boletim Informativo “IntervIRE” é dedicado à temática das escolas em tempos de pandemia.

A Inspeção Regional de Educação desenvolveu no âmbito do programa “Estudos” a atividade “Planeamento organização e funcionamento das escolas em tempos de pandemia”.

Este estudo aplicado em estabelecimentos de educação e de ensino público e privado na Região no final do terceiro período do ano letivo

2020/21, teve como objetivo conhecer as práticas desenvolvidas pela

escola na elaboração, implementação e avaliação de um plano/modelo que estabelecesse o protocolo e os mecanismos de ação e intervenção necessários à aplicação de cada um dos regimes de ensino: presencial, misto e não presencial.

Neste Boletim Informativo realce para dois olhares de dois Presidentes de Conselhos Executivos de escolas básicas e secundárias da Região sobre os reflexos da pandemia nas suas organizações escolares.



“A educação em termos de pandemia”



Armando Barreiro

Gerir uma Escola em termos de pandemia. O tema tão atual, surgiu como um desafio, que agradeço e tentarei refletir esta vivência, com tantas experiências, tantas aprendizagens vividas a um ritmo alucinante, num mundo de incertezas e de preocupações.

Há uma memória guardada do dia em que entrei numa sala de aula para comunicar que devido ao “coronavírus”, ao ritmo crescente da sua difusão e das consequências vividas também na nossa região, a Escola teria de encerrar a sua atividade letiva presencial. Recordo o espanto e a admiração dos alunos.

Expliquei-lhes que seria provavelmente uma situação temporária. Com os meus fracos conhecimentos científicos sobre esta área, fui explicando sem certezas de nada e de modo a quebrar as minhas dúvidas e medos, que todas as pandemias têm o seu “pico”. Que após

esse nível, a tendência seria para a normalidade.

“Íamos ficar todos bem”. Era preciso ter coragem e persistência. Os alunos questionaram muita coisa. Em muitos percebi a angústia e a incerteza. Foi das últimas vezes, dos últimos meses que lhes vi o rosto.

Tentei sair rapidamente para outra sala. Confesso que estava confuso. Estejam atentos aos emails e às mensagens. Iríamos comunicando...

Sem nos apercebermos, estávamos no início de um novo ciclo. De um período difícil, não só em termos de saúde pública, mas também na organização, na planificação e na concretização de muitos desafios e de muitas incertezas.

A escola reorganizou-se! A escola inovou-se! A escola solidarizou-se!

Numa primeira fase tivemos a noção que a “cultura de escola”, a solidariedade, a colaboração e o cooperativismo teriam que ser a base da labuta que nos esperava.

O “ensino à distância”, o “ensino virtual” identificou muitas dificuldades, muitos contrastes e muitas carências nos nossos alunos e nas suas famílias. Diferenças sentidas não só a nível tecnológico, de acesso às tecnologias de comunicação e informação, bem como na velocidade de circulação da rede. Problemas que foram acrescidos a nível familiar, social e económico.

Passámos numa primeira fase a várias campanhas de solidariedade a nível alimentar e outros apoios familiares. As famílias sentiram na escola uma ajuda, um aliado, um parceiro. Tínhamos a perfeita noção que os alunos mais carenciados, aqueles que usufruíam de

apoios sociais, bem como os referenciados com necessidades educativas especiais seriam aqueles que necessitavam e muito de todo o nosso apoio.

Muitas vezes, quando a situação pandémica permitiu, saímos da nossa zona de conforto e fomos ao encontro de algumas famílias. Batemos a algumas portas e fomos sabendo de muitas situações. Reforçamos sem dúvida o conceito de comunidade educativa. Reforçamos a imagem de uma “escola de afetos”.

A Escola ao longo dos primeiros tempos, neste período pandémico, tornou-se numa Escola com aulas “síncronas” e “assíncronas”, “Aulas presenciais” (por diferentes períodos de tempo), e “aulas à distância”. Muitas vezes tivemos turmas divididas em alunos na Escola e outros confinados. Tantas “escolas” dentro da Escola.

Não havia na prática horários, fins de semana e feriados. Comunicava-se constantemente com as entidades sanitárias e de saúde, onde eram emitidas orientações sobre casos positivos detetados nos alunos e respetivas famílias, bem como os procedimentos a adotar perante os contactos de risco.

Criaram-se novas formas de comunicação partilhada e em redes sociais, com dados sempre atualizados na gestão da crise.

A Escola estava “sempre on” e sempre alerta para os múltiplos desafios e situações decorrentes.

Criou-se o “plano de contingência”, visto, revisto e adaptado inúmeras vezes. Partilhado na página da escola, sujeito

a dúvidas e a sugestões.

A Escola depara-se com desafios nunca antes imaginados. Horários escolares desfasados e intervalos diferenciados por ano de escolaridade. Os “bufetes escolares” limitados e dirigidos essencialmente aos mais necessitados e aos que passavam mais horas na escola.

Passamos a ter uma Escola de “máscaras”, sem rostos, sem sorrisos, sem cumprimentos e abraços.

As limpezas foram reforçadas, de hora a hora, de sala a sala. Numa Escola com falta de recursos humanos, os assistentes operacionais foram inexcedíveis. Os serviços administrativos eram feitos em teletrabalho. O gel sanitário passou a fazer parte do “equipamento escolar”, bem como a medição da temperatura corporal. Qualquer elemento presente na escola, com sintomas febris obrigava a trabalhos redobrados e a uma assistência pormenorizada.

Criaram-se locais de entrada e de saída, com os respetivos circuitos de circulação.

Todos estes novos desafios, trouxeram a necessidade de desenvolver novas competências digitais em diversas ferramentas, quer por docentes, discentes e famílias. Estas últimas em “trabalhos redobrados”, pois muitas vezes em situações de “teletrabalho” sentiram grandes dificuldades em gerir todo o ambiente criado no seu espaço doméstico.

Destaco os sistemas de aprendizagem implementados na escola, como o “Google Classroom” o “Moodle” e o “Microsoft Teams”. O sistema de comu-

nicação síncrona por videoconferência, como por exemplo o “Google Meet”, a ferramenta para elaboração de questionários, com ou sem classificação, como o “Google Forms”.

Todos estes sistemas de gestão, permitiram disponibilizar recursos variados, documentos, vídeos, links para sites. Durante todo o período de ensino à distância, foi possível o trabalho em grupo, colaborativo e de pesquisa através do Google Docs, do Google Sheets e do Google Slides.

Muita aprendizagem. Muita partilha e colaboração.

Todas estas ferramentas e sistemas de comunicação trouxeram também a constatação de algumas falhas, de muitos desafios e a necessidade de melhorias para o futuro. Como exemplo, realço a impossibilidade de os alunos participarem em simultâneo, com algumas dificuldades de interação entre os pares educativos.

Uma das grandes dificuldades a nível pedagógico foi avaliar quantitativamente, com base em critérios debatidos, analisados e aprovados em Conselho Pedagógico, assentes numa Escola essencialmente presencial.

Não podemos nem devemos perder este saber acumulado ao longo dos últimos meses. Não podemos desperdiçar as competências ganhas. Temos a noção que algumas famílias investiram na substituição de computadores e melhorias no acesso à internet nas suas residências e essa mais valia deve ser potencializada.

A Escola em conjunto com a tutela tem

apostado na tecnologia e no digital. Temos a obrigação de ter aprendido e de nos prepararmos para um futuro, cada vez mais incerto e por isso desafiante.

A crise neste caso de origem pandémica, deve também servir de mola de criação e de inspiração. No fundo, entre a palavra “crise” e “crie”, temos “apenas” a complexidade da letra “s”.

A Escola ensinou-nos que na sua visão educativa deve apostar cada vez mais na sua gestão autónoma e de visão futura. Esta aposta, como é lógico, deve ter uma preocupação pedagógica acrescida, mas também não deve descuidar a sua cultura organizacional e gestão dos seus recursos.

Mais do que a preocupação das aprendizagens feitas pelos alunos durante este tempo, das avaliações que teremos de fazer, as recuperações a adotar, da dúvida se vamos a tempo dessa recuperação, preocupemo-nos essencialmente com os desafios que temos num futuro próximo, numa lógica permanente de educação inclusiva e de sucesso educativo.

É muito importante, nesta perspetiva que continuemos a implementar programas de coadjuvâncias, de tutorias e mentorias. Devemos apostar e valorizar a cultura de avaliação formativa que realce essencialmente a qualidade das suas aprendizagens, em detrimento das análises quantitativas e temos que promover o trabalho colaborativo entre os docentes, nomeadamente nas componentes curriculares.

A Escola precisa apostar em recursos humanos de diferentes áreas, técnicos especialistas, nomeadamente técnicos

de saúde, assistentes sociais, mediadores sociais, psicólogos e assistentes operacionais. É necessário também apostar na modernização das instalações escolares, na melhoria do seu espaço físico e nas infraestruturas tecnológicas.

Hoje temos a perfeita noção que a Escola, em todas as suas vertentes é essencialmente presencial. Nada, mesmo nada, substituí a relação interpessoal e a dinâmica relacional entre os elementos da comunidade educativa.

Trabalhem e acreditemos que conseguiremos em conjunto trabalhar na educação integral dos nossos alunos. Estes tempos que se aproximam, serão essencialmente de uma pedagogia ativa, acompanhamento personalizado e de avaliações mais participativas no decurso do ensino/aprendizagem.

Não percamos a oportunidade! Não descuremos o desenvolvimento integral dos nossos discentes em todas as suas componentes quer sejam elas cognitivas, emocionais e relacionais e de integração social.



A educação em tempos de pandemia ...um olhar



Bernardo Gouveia

A educação e preparação das nossas crianças e jovens para uma sociedade cada vez mais incerta e volátil, onde a capacidade crítica e de adaptação a novos contextos/situações, associados à inovação e tecnologia, que se quer, também, mais solidária, humanista, e engajada com o desenvolvimento sustentável, é o principal desiderato de qualquer sociedade. À escola cabe um papel fulcral, enquanto suporte às famílias, na nobre tarefa de formar homens e mulheres capazes de enfrentar os desafios do futuro que já é presente, porque em constante e rápida mutação.

Não basta ensinar o conhecimento. É preciso criar espírito crítico, capacidade de reflexão e acima de tudo implicação. Só a implicação cria conhecimento (Sophia de Melo Breyner chega afirmar que só a arte é didática, uma vez que não explica, implica).

A principal missão da escola é esbater as diferenças sociais. Não se trata simplesmente de resultados mas, essencialmente, de melhorar as aprendizagens e a integração social, onde todos se sintam realizados e felizes.

Na perspetiva do professor Laborinho Lúcio, o sucesso deve ter duas vertentes: preparar para o sucesso, mas, sobretudo, para o não insucesso. Preparar para o não insucesso é dar a cada um o que precisa, é implicá-lo, é motivá-lo, é ter um currículo que parte de baixo para cima e não de cima para baixo. Esta é a verdadeira educação inclusiva.

É este o conceito base que perpassa o articulado textual e concetual subjacente ao projeto educativo da escola que dirijo (Escola Básica e Secundária com Pré-Escolar da Calheta), cuja missão e visão remetem para uma

escola onde todos aprendem, uma escola promotora de um modelo social de aprendizagem, assente na diferenciação, na construção do conhecimento, na interdisciplinaridade, na colaboração, na interdependência, na inovação e na criatividade.

Nada mais a (des)propósito, quando, no dia 12 março de 2019, recebi a informação da tutela que, a partir do dia 16 do mesmo mês, eram suspensas, na Região Autónoma da Madeira, todas as atividades escolares presenciais.

Caíam um conjunto de peças do puzzle que é a organização da escola (EBS/PE da Calheta) enquanto espaço dedicado à aprendizagem e prestação de serviços à comunidade, com a particularidade de ser uma instituição que funciona em quatro edifícios e freguesias diferentes (Calheta, Fajã

da Ovelha, Paul do Mar e Ponta do Pargo), com diferentes níveis de educação e ensino e oferta formativa variada: educação pré-escolar, ensino básico geral (1.º, 2.º e 3.º ciclos), ensino articulado da música nos 2.º e 3.º ciclos, Cursos Científico Humanísticos (Ciências e Tecnologias, Línguas e Humanidades e Ciências Socioeconómicas), Cursos Profissionais, na área do turismo, desporto e hotelaria, Cursos de Educação e Formação de Adultos, e Formações Modulares na área das línguas. Ao que acresce o facto de funcionarem de forma integrada, no Polo da Calheta, a Extensão do Conservatório – Escola de Artes da Madeira, o Centro de Recursos Educativos Especializados da Direção Regional de Educação e, no polo do Paul do Mar, o respetivo Centro Social.

O funcionamento de uma escola com estas características assenta, essencialmente, numa liderança e gestão partilhadas, em função de ciclos de gestão de 4 anos, centradas num projeto educativo abrangente e inclusivo, que em cada ano é concretizado e operacionalizado no respetivo Plano Anual de Escola, tendo por referência a legislação em vigor, tanto nível curricular, pedagógico, administrativo como financeiro.

A alteração do paradigma de funcionamento que a pandemia veio impor, especialmente com o regime de ensino à distância, nas suas diversas variantes (turmas todas em ensino à distância; apenas uma ou algumas turmas em ensino à distância; turmas na escola, mas com ensino à distância porque o professor estava em isolamento, turmas na escola, mas com um colega ou colegas em ensino à

distância porque em isolamento), bem como a restrição de acesso aos espaços e serviços, a alteração de horários dos serviços, dos trabalhadores e das aulas, que se foram adequando à evolução pandémica, implicou uma adaptação e tomadas de decisão praticamente constantes, que aos poucos se foram “normalizando”.

A gestão da escola durante este período foi (está a ser) acrescida de uma complexidade inaudita, em especial na fase inicial (final do 2.º período e início do 3.º período escolar do ano 2019/2020). Nesse primeiro momento, foi necessário tomar decisões de forma rápida e recolher a informação necessária, não só relativa aos processos pedagógicos, mas também operacionais, e levantamento de meios necessários, para poder passar uma mensagem de tranquilidade e responsabilidade de forma uniforme, clara e perceptível para todos. Daí que, nesta fase, a liderança e gestão da situação foi concentrada no presidente do Conselho Executivo com a colaboração muito próxima do Conselho Pedagógico e titulares/diretores de turma, na relação com os alunos e encarregados de educação. Foi uma fase em que todas as questões, mesmo as mais simples do dia-a-dia, que, em situações normais, são resolvidas pelo professor, diretor de turma ou encarregado de educação, passaram a chegar até ao Presidente do Conselho Executivo com necessidade de resposta.

Ultrapassado o momento inicial, passou-se a uma fase de planeamento com envolvimento das estruturas da escola, em especial, o Conselho Executivo e Conselho Pedagógico, na disponibilização de meios tecnológicos, acesso à in-

ternet, e com a elaboração de um plano de ensino à distância (E@D) antes do início do terceiro período de 10/19/2020, para ser implementado na retoma das atividades escolares, de forma a que todas as crianças e alunos continuassem a aprender, mesmo em ensino à distância.

Este documento implicou: 1. a redefinição/clarificação das competências e responsabilidades dos vários atores (órgão de administração e gestão, estruturas de gestão intermédia, serviço de psicologia, equipa de apoio técnico, equipa de autoavaliação da escola, equipa multidisciplinar de apoio à educação inclusiva, educadores/professores, associação de pais, encarregados de educação e alunos); 2. uma estratégia e circuito de informação, que implicasse uma harmonização dos métodos de ensino e aprendizagem através de meios digitais, salvaguardando os alunos do 1.º ciclo e as crianças do pré-escolar; 3. um modelo de E@D, centrado no trabalho autónomo, com descrição pormenorizada das tarefas e acompanhado pelos pais, conforme o nível etário, e com momentos síncronos calendarizados, ...; 4. redefinição das aprendizagens essenciais a trabalhar, numa lógica de organização horizontal e vertical, centrando a avaliação na sua vertente formativa; 5. definição de situações específicas para alunos sem acesso ou domínio de meios tecnológicos, e para os alunos e crianças do 1.º ciclo e pré-escolar, com recurso ao telefone, aos CTT ou entrega de materiais e trabalhos de forma direta e agendada; 6. definição da forma e ocorrência de reuniões, que passaram, na generalidade, a ser feitas de através de vídeo conferência; 7. motorização e avaliação do plano.

Concluído o ano letivo 2019-2020 e, após avaliação de todo o processo, onde participaram todos os intervenientes, face ao contexto da pandemia da COVID-19 e aos vários cenários possíveis da sua evolução ao longo do ano letivo 2020/2021, foi elaborado e aprovado um documento orientador que se denominou “Tempos de Pandemia – Funcionamento e Organização – Plano de Ação e Intervenção”.

Este documento, bem como o plano de contingência da escola, visavam (visam) garantir, em termos globais, uma progressiva estabilização social, sem descuidar a vertente de saúde pública.

Considerando as orientações da tutela e das autoridades de saúde, a ação e intervenção aí preconizadas assentam nos seguintes princípios:

- reforço dos mecanismos de promoção da igualdade e equidade, para que todas as crianças e jovens alcancem as competências previstas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória;
- prioridade para a frequência de aulas presenciais;
- valorização da experiência adquirida em contexto de emergência no que diz respeito à utilização dos meios digitais;
- flexibilização na transição entre regimes presencial, misto e não presencial;
- reconhecimento da importância da escola, enquanto suporte e condição para o funcionamento da vida familiar, profissional e económica do concelho e da RAM.

- adequação do currículo ao contexto pandémico.

O documento que sofreu pequenos ajustes em função da experiência, tanto dos alunos como professores e restante comunidade, continua, neste momento em vigor.

Em termos de gestão, este tem sido e é um processo muito exigente, ainda para mais numa escola com as características já referidas. Uma mesma solução não é aplicável a todos os níveis de ensino ou até mesmo a cada um dos diferentes edifícios da escola. As decisões têm de ter uma perspetiva global, mas ao mesmo tempo circunstanciada e localizada. O que é indicado para o pré-escolar não o é para outros níveis de ensino, a distribuição do espaço e definição de horários não pode ser a mesma em todos os edifícios.... A esta questão acresce a permanente incerteza das situações, umas relacionadas com decisões das autoridades de saúde e governo, no que diz respeito a suspensão das atividades presenciais ou não, com os horários de recolhimento obrigatório que se foram alterando, outras com situações de isolamento profilático quer de alunos, turmas e/ou professores e que implicaram/implicam tomada de decisões imediatas, e contactos permanentes com os serviços de saúde concelhia, que também têm sido incansáveis e estão sempre disponíveis, para esclarecimentos e para dar orientações.

O que tornou/torna este processo menos complexo e, especialmente em termos pedagógicos, é a dedicação dos docentes, a capacidade de se adaptarem a novas situações, a procura de informação e (auto)formação, para encontrarem as melhores soluções para

que os alunos aprendam.

Neste processo, sem, de qualquer forma, minimizar a ação imprescindível das estruturas de administração e gestão e estruturas de gestão intermédia e até mesmo o serviço de psicologia e orientação, ou equipa de apoio técnico/promoção de literacia digital, que, ao longo do processo, deram o seu melhor, cada um na sua área de intervenção e competências, foi e é essencial a figura do titular/diretor de turma. Para além de ser o elemento agregador de toda a informação e coordenação dos respetivos conselhos de turma e trabalho dos alunos, é o elemento mais próximo dos encarregados de educação e alunos. Na verdade a grande maioria das questões/situações foram resolvidas, em primeira instância, com a sua intervenção. Estiveram e estão sempre disponíveis para os alunos, todos os dias da semana a qualquer horário. Houve inclusive, na fase inicial, necessidade de serem dadas indicações para estabelecerem regras e limites nessa permanente ligação com os alunos e encarregados de educação. (Este tipo de atuação também se estendeu a muitos professores).

Não poderia também deixar de referir o papel da maioria dos encarregados de educação que estiveram sempre presentes, colaboradores e disponíveis para ultrapassar todas as dificuldades, assim como a grande maioria dos alunos que se esforçaram para darem o seu melhor e também ajudaram os colegas, quer na resolução de problemas de literacia digital quer nas aprendizagens.

Este tem sido um processo difícil, mas gerido com a colaboração de todos, e onde a liderança partilhada, ga-

nha maior relevo, porque só assim se consegue dar respostas mais rápidas e adequadas a cada situação. Contudo esta forma de atuar só foi (é) possível, uma vez que tinha subjacente: um planeamento abrangente e circunscrito; uma comunicação fluída e clara; uma diferenciação de espaços e soluções adequadas às situações; e uma gestão personalizada de todos os casos.

De qualquer modo, e, apesar do empenho da grande maioria, incluindo os alunos, há problemas que ainda não conseguimos ultrapassar:

- nem todos têm/tiveram acesso aos meios tecnológicos suficientes e necessários. Apesar de a escola ter disponibilizado meios, inclusive entregando esses meios ao domicílio, bem como a Câmara municipal da Calheta, no caso dos alunos do 1º ciclo, esses recursos foram circunscritos ao agregado familiar o que limita a imprescindível utilização individual;

- os alunos do pré-escolar, alguns do primeiro ciclo e alguns alunos com medidas educativas adicionais, não têm competências digitais para acompanhar o ensino à distância;

- nem todos estão interessados em aprender, tanto no regime presencial como à distância;

- algumas aprendizagens ficaram comprometidas e serão difícil recuperação;

- continuamos, de alguma forma, erradamente, a replicar, no ensino à distância, o regime presencial mediado por computadores;

- nem todos têm o mesmo apoio no

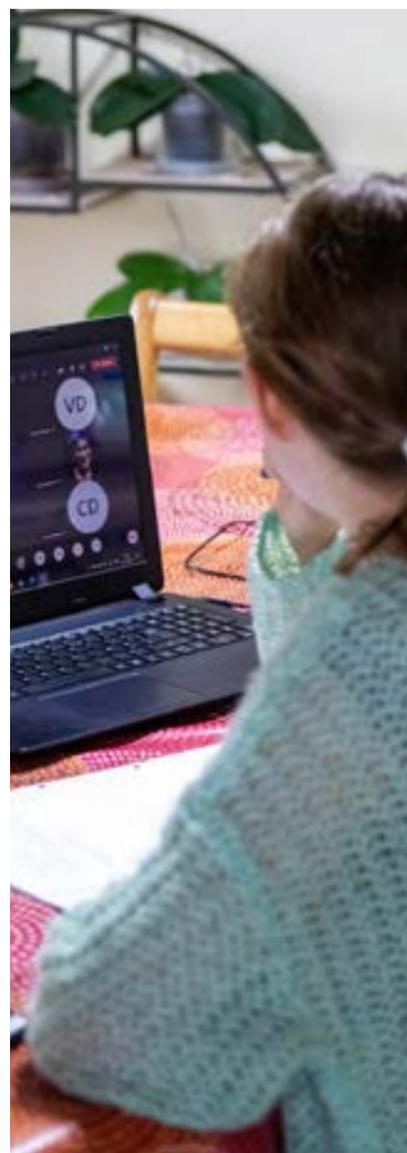
âmbito familiar;

- ao horário dos docentes falta tempo para ensino à distância, porque implica outro tipo de intervenção e preparação das atividades;

- sensação de perda de identidade da escola, bem como do dinamismo e envolvimento dos alunos na vida da escola. 97% dos alunos costuma participar em atividades de enriquecimento do currículo, e 50% dessas atividades, normalmente, são realizadas em interação com a comunidade, e durante este período estiveram reduzidas ao mínimo.

Neste processo, se, por um lado, houve perdas em termos de aprendizagens, em termos de equidade, em termos de esbatimento de diferenças sociais, em termos de estabilidade emocional, quer de professores e alunos (este ano estamos a ter, especialmente ao nível do secundário, por parte dos alunos, um aumento exponencial de situações de ansiedade); Por outro lado, todos ganhámos competências cívicas e de solidariedade social, todos ganhámos novas formas de encarar o trabalho e relação com os diversos serviços, sejam eles públicos ou privados, todos ganhámos consciência de como a escola e os professores são essenciais para manter o equilíbrio do tecido social e económico, todos ganhámos novas competências na área da literacia digital, a escola, alunos e professores ganharam competências na utilização de meios tecnológicos para desenvolver a diferenciação e práticas e pedagógicas, que valorizem as capacidades de cada um, a autonomia, o trabalho colaborativo, a capacidade crítica e criativa.

Na verdade toda esta situação veio acelerar a mudança civilizacional que já estava em curso. A transição para um era digital e informática vai implicar mudanças muito significativas na nossa maneira de pensar e agir. Não podemos ser Ingénuos, a escola tem de estar à altura para liderar e acompanhar esta mudança.



A propósito de pandemia...



A Inspeção Regional de Educação desenvolveu no âmbito do programa “Estudos”, a atividade Planeamento, organização e funcionamento das escolas em tempos de pandemia.

Este estudo foi aplicado no universo da educação pré-escolar e das ofertas educativas e formativas dos ensinos básico e secundário ministradas em estabelecimentos de ensino público, particular e cooperativo de nível não superior, incluindo escolas profissionais, públicas e privadas, do sistema educativo da Região Autónoma da Madeira (RAM), no final do terceiro período do ano letivo 2020/2021.

A principal finalidade do estudo foi a de conhecer as práticas desenvolvidas pelas escolas na elaboração, implementação e avaliação de um plano/ modelo que estabelecesse o protocolo e os mecanismos de ação e interven-

ção necessários à aplicação de cada um dos regimes de ensino: presencial, misto ou não presencial.

Como instrumentos de recolha de informação, foram aplicados dois questionários online, nomeadamente, o questionário Planeamento, organização e funcionamento das escolas em tempos de pandemia, preenchido pelo diretor ou por um membro do órgão de gestão de cada uma das escolas da RAM, e o questionário As escolas em tempos de pandemia, preenchido pelos docentes.

Desta atividade resultou um relatório que apresenta os resultados decorrentes dos dados apurados nos dois questionários, organizados de acordo com as suas estruturas, nomeadamente:

- Caracterização das escolas e dos

inquiridos; Planeamento e organização das atividades letivas e formativas; Funcionamento das atividades letivas e formativas - regimes presencial, misto e não presencial; e Constrangimentos e potencialidades dos regimes misto e não presencial.

Da análise dos resultados obtidos, formularam-se conclusões, das quais se destacam:

A. Respostas obtidas:

Ao questionário Planeamento, organização e funcionamento das escolas em tempos de pandemia responderam 104 diretores, uma resposta por escola, o que corresponde a 68,4% de estabelecimentos, 68 (65,4%) da rede pública e 36 (34,6%) da rede privada.

Ao questionário As escolas em tempos de pandemia, na perspetiva dos docen-

tes responderam 1954 docentes, o correspondente a 32,5% do universo total da RAM, sendo 7805 (92,4%) da rede pública e 149 (7,6%) da rede privada.

B. Planeamento e organização das atividades letivas e formativas:

- As escolas procederam à elaboração, atualização e divulgação do Plano de Contingência para a COVID-19, seguindo as medidas e orientações emitidas pela Secretaria Regional de Educação, Ciência e Tecnologia, através da Direção Regional de Educação (DRE), e pela Secretaria Regional de Saúde e Proteção Civil.

- Uma grande maioria das escolas elaborou um plano de atuação que potenciou a recuperação, a consolidação e o desenvolvimento das aprendizagens previstas para o ano letivo de 2020/2021 e promoveu o sucesso educativo.

C. Funcionamento das atividades letivas e formativas - regimes presencial, misto e não presencial:

- A esmagadora maioria das escolas elaborou, no âmbito do seu plano de contingência, um plano/modelo que previa o protocolo e os mecanismos de ação e intervenção necessários à implementação de cada um dos regimes (presencial, misto ou não presencial) e a eventual necessidade de transição entre os mesmos durante o ano letivo.

- Relativamente aos regimes de ensino implementados pelas escolas, ao longo do ano letivo 2020/2021, conforme as respostas dos diretores, apurámos que:

- 27,9% das escolas estiveram sempre em regime presencial;

- 42,3% das escolas implementaram o regime presencial, o regime não presencial e o regime presencial em simultâneo com o regime não presencial;

- os valores referidos (27,9% e 42,3%) são, praticamente todos, relativos a escolas que incluíam valências de educação e 1.º ciclo do ensino básico;

- 29,8% das escolas tiveram de implementar vários regimes de ensino, incluindo o regime misto, das quais a esmagadora maioria era respeitante aos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e ensino secundário.

D. Constrangimentos e potencialidades dos regimes misto e não presencial.

- Os constrangimentos apontados pelos inquiridos ao regime misto relacionaram-se, essencialmente, com os recursos tecnológicos; a dificuldade de os pais e encarregados de educação acompanharem os seus educandos; a dificuldade dos docentes em darem uma resposta e um acompanhamento individualizados aos alunos com dificuldades de aprendizagem; e a falta de interação social entre os alunos.

- Como potencialidades do regime misto, as respostas mais frequentes salientaram a diminuição do risco de contágio da doença COVID-19; o fomento da autonomia e da responsabilidade dos alunos; o contacto com o aluno e/ou os encarregados de educação; a consolidação e aquisição de novas aprendizagens; e o desenvolvimento das competências digitais.

- Os constrangimentos mais aponta-

dos ao regime não presencial foram as folhas no acesso à internet e à falta de meios tecnológicos, assim como as dificuldades no domínio das novas tecnologias e o excesso de tempo no uso de meios tecnológicos; a dificuldade dos pais e encarregados de educação em acompanhar os seus educandos; a falta de socialização e o isolamento dos alunos.

- Os docentes, entre outros constrangimentos, referiram o facto de que muitos alunos não ligam a câmara; a dificuldade na elaboração de atividades extracurriculares; a impossibilidade do acompanhamento individualizado dos alunos, especialmente, com dificuldades de aprendizagem; as dificuldades em fazer um acompanhamento e monitorização eficazes do trabalho dos alunos e que a avaliação não é fidedigna nem credível.

- As potencialidades mais apontadas ao regime não presencial foram, sobretudo, o desenvolvimento da responsabilidade e da autonomia dos alunos, assim como um maior envolvimento dos pais/famílias nas aprendizagens dos alunos; a possibilidade de que todos os alunos continuassem o seu percurso escolar e a proteção de alunos e docentes à propagação do COVID-19.

Brevemente...



Conferências Itinerantes, Aproximar, interagir, debater.
Reforçar a comunidade científica das Ciências da Educação. Educar e Investigar em tempos de Covid-19.

Terá lugar no próximo dia 28 de outubro, a partir das 17h, a segunda das três conferências que compõem o 2º Ciclo de Conferências Itinerantes, organizada pela SPCE, com o título **“Pandemias, endemias e tecnologias: o lado epidémico das leis do ministério vizinho”** e cujo orador será o nosso associado Doutor António Moreira da Universidade de Aveiro. A conferência decorrerá online, sendo a instituição acolhedora a Universidade de Évora. A participação é gratuita e a inscrição obrigatória, através do link: <https://forms.gle/A7aGR4vZYY4gfiUCA>

Está aberta a chamada de comunicações para o 4th WCCES Symposium, coorganizado pela Secção de Educação Comparada da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (SPCE-SEC). O Simpósio, subordinado ao tema geral «Values Education and Emotional Learning: Broader Implications for Holistic Curriculum & Schooling during and beyond the COVID-19 Pandemic», será realizado online, via Zoom, de 18 a 20 de novembro.

Mais informações em:

<https://www.theworldcouncil.net/4th-wcces-symposium-2021.html>

IV Seminário MAEE e II Seminário Internacional Mecanismos de mudança nas escolas e na inspeção - Sinergias entre autoavaliação e avaliação externa de escolas 26 e 27 de novembro de 2021, Auditório da Universidade de Évora (Colégio do Espírito Santo)

Mais informações em <https://projetoMAEE.com/seminarios/>



“Este Seminário, que surge na continuidade de outros realizados no âmbito de um projeto de investigação em curso, financiado pela FCT – Mecanismos de mudança nas escolas e na inspeção –, visa constituir-se como espaço de divulgação, troca de experiências, debate de ideias e reflexão sobre temáticas relacionadas com a avaliação de escolas, mobilizando diversos profissionais da educação (investigadores, estudantes, professores de diferentes níveis de ensino, diretores de escolas/agrupamentos, inspetores, diretores de centros de formação, entre outros), que darão testemunho do seu pensamento, das suas práticas e da sua investigação.

O tema escolhido foi **Sinergias entre autoavaliação e avaliação externa de escolas** porque se pretende dar visibilidade a estes dois processos de natureza distinta, mas complementares, de relevância inquestionável no campo da eficácia e melho-

ria contínua das escolas. São estes processos que permitem o conhecimento das práticas que as escolas desenvolvem, a compreensão e análise dos modos como trabalham e se organizam pedagógica e curricularmente, fazendo desse conhecimento uma ferramenta de governação. Uma escola aprendente e curricularmente inteligente deve ser capaz de assegurar a sinergia entre a autoavaliação sistemática, que permite compreender os processos, explicitar os resultados e proceder a ações de melhoria, e a avaliação externa, que pode reforçar esse conhecimento, legitimando tomadas de decisão promotoras dessa melhoria.”

INSCRIÇÕES

A participação no Seminário é **gratuita** com inscrição obrigatória.

A inscrição é feita através do Sistema de Gestão de Eventos da Universidade de Évora **até 15 de novembro**. O número de inscrições está limitado à capacidade do Auditório, em conformidade com as orientações da DGS. Quando for atingido o limite, as inscrições encerram.



I Edição do Prémio Ibero-americano de Inovação Educacional – “A Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI) e a Agência Espanhola de Cooperação Internacional (AECID) lançaram, em 20 de setembro de 2021, a I Edição do Prémio Ibero-americano de inovação educacional.

O prémio visa reconhecer o trabalho de centros educativos, organizações sem fins lucrativos e fundações e grupos de investigação das Universidades que tenham trabalhado em iniciativas que promovam a inovação, especialmente o uso de tecnologias de comunicação e informação na educação de infância, bem como em projetos e pesquisas relacionadas com a inclusão de populações vulneráveis.

Esta I Edição é composta por dois temas: competências digitais na educação de infância e inclusão.

O primeiro, com foco na inovação em competências digitais, terá como objetivo o reconhecimento de projetos ou pesquisas que, entre outros aspetos, incorporem ferramentas digitais no trabalho da educação infância em contexto educativo, bem como no seu uso criativo, crítico e seguro. Também poderão participar projetos relacionados com a formação de educadores de infância em competências digitais.

O segundo tema foca-se na inclusão e premiará projetos ou pesquisas relacionadas com a promoção da diversidade e com o trabalho com grupos vulneráveis, em risco de exclusão.

Poderão igualmente participar iniciativas que apliquem conhecimentos teóricos e práticos - apoiados ou não pelas TIC - em questões de paz e cidadania mundial com enfoque na justiça social, democracia, igualdade de género, imigração, valorização da identidade e diversidade cultural.

Os interessados poderão participar nesta edição, até 19 de janeiro de 2022, com iniciativas ou estudos que tenham sido lançados no decorrer do ano anterior ou que estejam em processo de implementação neste ano. Os projetos vencedores de cada tema serão reconhecidos com um prémio no valor de 3.000 € cada.

Poderão participar nesta edição os seguintes países: Andorra, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Equador, Espanha, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Portugal, República Dominicana e Uruguai.

O júri é composto por especialistas da OEI e da AECID, por académicos e especialistas da área, que, em março de 2022, atribuirão o prémio à melhor iniciativa apresentada em cada um dos temas.

Os premiados participarão no evento de encerramento desta I Edição do Prémio Ibero-americano de Inovação Educacional, que será organizado pela OEI, em formato virtual, a realizar em abril de 2022.

Para informações adicionais e consultar documentação de suporte, poderá aceder ao link <https://oei.int/oficinas/secretaria-general/noticias/la-oei-y-aecid-lanzan-un-premio-para-reconocer-la-innovacion-educativa-en-iberoamerica>.

Os interessados podem enviar as suas propostas, através do formulário online, disponível em <https://forms.office.com/pages/responsepage.aspx?id=RCDnxIDvVUG4M1R-c13Lgr4j9pSsIaBNI6SrxPK0vuNUNThFS1dSUEIMOVFROU2OVNBV1BLQVo-1RiQICN0PWcu>.”

(Texto retirado de <https://www.dge.mec.pt/noticias/i-edicao-do-premio-ibero-americano-de-inovacao-educacional>, em 2021-10-12).



7th World Curriculum Studies Conference of the IAACS -
20 a 22 de junho de 2022,
Universidade do Minho, Braga.

Mais informações em:
<https://www.iaacs2022conference.pt/>

Keynote Speakers:

- William F. Pinar – University of British Columbia, Canada (opening conference).
- Ivor Goodson – University of Brighton, United Kingdom (closing conference).
- Jesus Maria Sousa – Universidade da Madeira, Portugal.
- Zhang Hua – Hangzhou Normal University, China.
- Jonathan Jansen – Stellenbosch University, South Africa.
- Elizabeth Macedo – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brazil.
- Janet Miller – Teachers College, Columbia University, United States of America
- Teresa Strong – Wilson – McGill University, Montreal, Canada.
- Manish Jain – Ambedkar University Delhi, India.
- James Burns – Florida International University, United States of America.
- Alice Casimiro Lopes – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brazil.

A (Re) Ler

Actualidade da Educação Permanente

E-book

Organizadores:
Alberto Melo, Licínio C. Lima e Paula
Guimarães



<https://fpae.com.pt/publication/e-book-25-anos-do-forum-portugues-de-administracao-educacional-edicao-comemorativa/>

ÍNDICE

introdução: Revisitações críticas em torno da educação permanente

Alberto Melo, Licínio C. Lima & Paula Guimarães

Desvios na estrada para a “educação permanente”: Uma história crítica dos repertórios de política europeia, 1955-1982

Rui Canário

Educação permanente e emancipação social: Aprender a ser “mestre de si próprio”

Rui Canário

Educação permanente: Contestação, enquadramento, otimização pessoal

Licínio C. Lima

Mudanças nos sentidos atribuídos à ideia de que se aprende ao longo da vida nos discursos de organizações internacionais

Paula Guimarães

Uma releitura da educação permanente a partir da América Latina:

Um capítulo inacabado

Timothy D. Ireland

A educação de adultos como componente vital da aprendizagem ao longo da vida: A política de educação de adultos de adultos da União Europeia

Borut Mikulec

Políticas e práticas de educação de adultos inspiradas na educação permanente

Àngel marzo

O desenvolvimento local como processo educativo: A intervenção da Associação In Loco na Serra do Caldeirão

Maria Priscila Soares & Alberto Melo

Sugestão de leitura

Lições da Pandemia

Aprender com uma experiência limite

Autores: Américo Pereira e
Fernando Ilharco
Editora: UCP Editora,
março de 2023



Sinopse

A pandemia do COVID-19, cuja fase aguda ultrapassámos, mas que ainda não nos deixou, não pode, de facto, dizer-se que foi inesperada. E, no entanto, foi o seu carácter surpreendente e devastador que nos envolveu. Porquê? Perguntamos nesta obra, preocupados em retirar lições do que aconteceu, para poder fazer melhor para o futuro, tanto noutras pandemias como noutros

reptos que desafiem a sociedade no seu todo: existem vários atualmente, e não menos devastadores.

Sem ilusão de exaustividade ou posse única de verdade, a presente obra, num espírito académico, cultural, multidisciplinar, reúne mais de quarenta autores, num subsídio para uma ponderação sobre o pesadíssimo fenómeno sanitário que recaiu sobre a humanidade, procurando retirar lições para o futuro,

procurando, por isso, saber porque correu bem o que correu bem e mal o que correu mal. Sabendo que toda a ciência é dialeticamente precária, cremos que este tipo de reflexão, de diálogo e de necessárias mudanças, passo que podendo ser certo é sempre provisório, é também um passo necessário para que outros, mais altos ou mais profundos, possam vir a acontecer.

A (Re) Ler

Como prevenir a próxima pandemia

Autor: Bill Gates
Editora: Ideias de Ler, abril de 2022

Sinopse

«Podemos prestar cuidados básicos a todos e estar prontos para fazer face a qualquer doença que surja – e contê-la.

Neste livro explico o plano para eliminar a ameaça que as pandemias representam para a humanidade e os passos que temos de dar para que não tenhamos de viver outra catástrofe como a COVID.»

BILL GATES

A pandemia da COVID-19 ainda não acabou. Enquanto os governos de todo o mundo tentam controlá-la, também já falam sobre o que poderá acontecer a seguir. Como evitar que uma nova pandemia mate milhões de pessoas e arrase a economia mundial? É legítimo pensarmos que vamos consegui-lo?

Bill Gates acredita que sim e neste livro expõe de forma clara e convincente o que o mundo deveria ter aprendido com a COVID-19 e o que todos nós podemos fazer para evitar outro desastre como este. Apoiado no conhecimento partilhado pelos maiores especialistas mundiais e na sua própria experiência no combate a doenças fatais através da Fundação Gates, explica o funcionamento das doenças provocadas pelos coronavírus e mostra como as nações do mundo, trabalhando juntas e cooperando com o setor privado, podem não só evitar outra catástrofe semelhante à COVID, mas também eliminar todas as doenças respiratórias, incluindo a gripe.



Este é um apelo claro, global e sério, feito por um dos maiores e mais eficazes pensadores e ativistas da atualidade.

Críticas de imprensa

Gates apresenta uma pesquisa sólida de como as lições retiradas do Covid-19 podem ajudar-nos em futuras políticas de saúde pública global. Numa prosa acessível, explica os passos para prevenir futuras pandemias, entre os quais, a criação de uma task force dedicada a fazê-lo... Gates é realista sobre o que enfrenta... mas faz um bom trabalho quando deduz que 1 milhão de dólares

é o custo razoável para a task force. Publishers Weekly

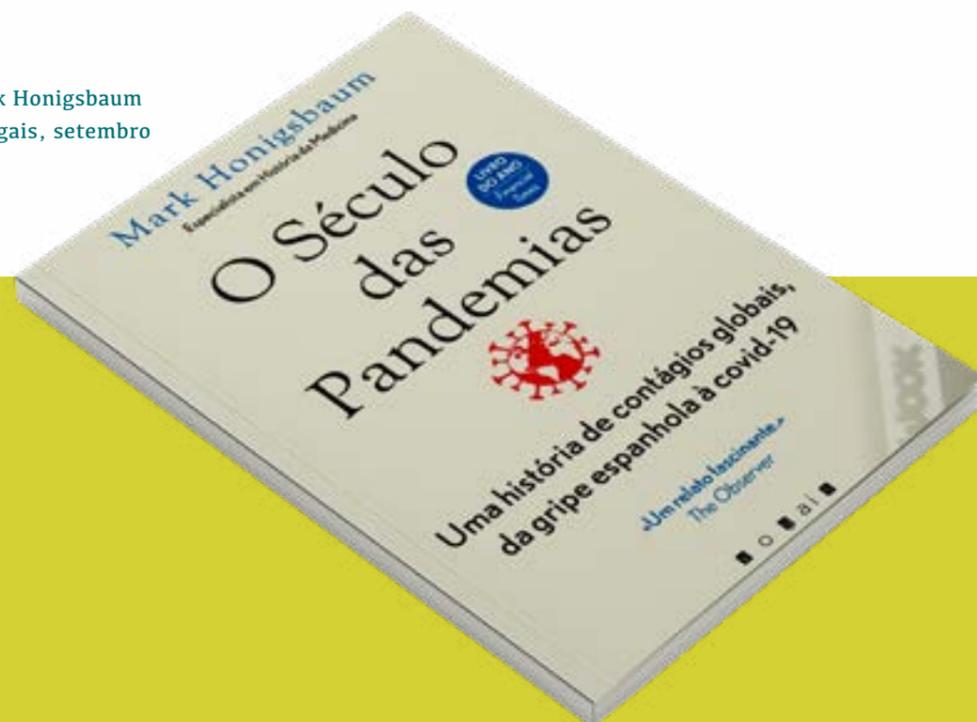
Neste livro brilhante e objetivo, Bill Gates, ativista pela saúde global, reflete sobre a atual pandemia do Covid-19, considera outras no futuro e propõe várias recomendações sensatas para a sua prevenção... Entusiasta e nunca pretensioso, Gates deixa um apelo consistente, especializado e bem documentado para que o mundo se una na prevenção de pandemias futuras.

Sugestão de leitura

O século das Pandemias

Uma história de contágios globais, da Gripe Espanhola à Covid-19

Autor: Mark Honigsbaum
 Editora: Vogais, setembro de 2021



Sinopse

Da gripe espanhola à covid-19, este livro, enriquecido com um posfácio escrito especificamente para a edição portuguesa, é a história da incessante batalha entre a humanidade e os microrganismos.

Apesar dos incríveis progressos científicos alcançados ao longo dos últimos 100 anos, este período tem sido marcado por uma sucessão de surtos imprevistos, da peste pneumónica às mais recentes epidemias de sida,

SARS e ébola.

No mundo globalizado, a medicina e a microbiologia não podem ser deixadas sozinhas no estudo e no tratamento de vírus; é necessário que a ecologia, a antropologia e a sociologia se façam ouvir e, claro está, que os políticos assumam as suas responsabilidades. Estar «preparado» para a próxima pandemia talvez seja impossível, mas repetir os erros de ontem e de hoje seria suicídio.

O autor é especialista em História da

Medicina.

Mark Honigsbaum é um contador de histórias extraordinário e, enquanto especialista no assunto, tem uma visão muito clara da situação. Este livro expõe os limites da ciência versus natureza, e a maneira como as crises são moldadas tanto pelos humanos como pelos micróbios.

Livro enriquecido com um posfácio escrito especificamente para a edição portuguesa.

Sugestão de leitura

Contingências da pandemia gerada pelo COVID-19 nas Sociedades Contemporâneas

Autor: José Maria Carvalho Ferreira
 Editora: Clássica Editora, agosto de 2022



Sinopse

Desde tempos imemoriais que a espécie humana viveu e sobreviveu com pandemias provocadas por vírus. Nunca pressentiu tanto as vicissitudes da mediatização do medo, da ignorância e da incerteza como os que foram provocadas pelo Covid-19.

O paradoxo desta realidade é tanto mais significativo, na medida em que a ciência pautada pelos dilemas do progresso e da razão sentiu-se impotente para descobrir as causas e os efeitos da infetologia e da virologia que provo-

caram a doença e a morte em milhões de seres humanos.

Por outro lado, cientistas e políticos pouco se preocuparam em investigar a incapacidade imunológica da espécie humana para combater os efeitos perversos do vírus, escamoteando todas as contradições e conflitos prevaletentes na sociedade em termos sociais, económicos, políticos e culturais, assim como das relações de genocídio que a espécie humana mantém com as espécies animais e espécies vegetais.

Em contrapartida, o Estado e todos

os modelos de sociedade limitaram-se a adotar medidas de confinamento, distanciamento e higienização social e vigilância sanitária.

Autor

JOSÉ MARIA CARVALHO FERREIRA

Sociólogo e professor catedrático aposentado do ISEG – Universidade Técnica de Lisboa, desde 2013, Universidade de Lisboa. Foi Presidente do SOCIUS (Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações) do ISEG-Universidade de Lisboa.